

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Mariane Cassia Souza Machado

ESTUDO DE CASO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS:
Relação entre o sistema de representação do desenho e da escrita.

UBERLÂNDIA – MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Mariane Cassia Souza Machado

ESTUDO DE CASO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS:
Relação entre o sistema de representação do desenho e da escrita.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia para a obtenção de grau em Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Maira Melo

UBERLÂNDIA – MG

2023

Mariane Cassia Souza Machado

**ESTUDO DE CASO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS:
Relação entre o sistema de representação do desenho e da escrita.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia para a obtenção de grau em Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais.

Uberlândia – MG, 06 de fevereiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dr.^a Roberta Maira Melo - UFU
(Orientadora)**

Prof. Dr.^a Elsieni Coelho da Silva – IARTE/UFU

Prof. Dr.^a Simone Cléa Santos Miyosh

UBERLÂNDIA – MG

2023

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que em algum momento da vida se viram um pouco perdido nessa etapa da vida.

AGRADECIMENTOS

A minha família, por ter me dado todo o apoio necessário para chegar até este momento da minha formação educacional e serem um grande exemplo de vida.

A minha orientadora Roberta Maira Melo, por toda paciência, motivação e auxílio de maneira exemplar na realização desta pesquisa.

À instituição de ensino Universidade Federal de Uberlândia, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

Aos meus amigos, por terem me ajudado sempre que possível, em todos os momentos ao longo dos meus anos de estudo nesta graduação.

RESUMO

Essa monográfica é resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo discutir questões sobre desenho infantil e sua relação com a escrita no ensino das crianças. A pesquisa teve início com o levantamento de artigos, livros, dissertações e teses que abordam o tema. Após a leitura do material selecionado, foi realizada uma análise dos textos, que aponta a relação do aprendizado da escrita com o sistema de representação do desenho, trazendo o mesmo como um precursor da escrita. A monografia discorre sobre semelhanças e diferenças entre os sistemas de representação desenho e escrita, transpassados e apontados pela perspectiva dos autores escolhidos sobre a temática e como está inserida na vida e possivelmente nas vivências. Foi realizada também a análise de atividades feitas com crianças entre 5 e 7 anos a fim de perceber o paralelo entre os sistemas de representação do desenho e da escrita na aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Infantil. Escrita. Sistema de Representação. Aprendizagem.

ABSTRACT

This monograph is the result of a bibliographic research that aims to discuss issues related to children's drawing and its relation to writing in children's education. The research started with a survey of articles, books, dissertations, and thesis that dealt with the theme. After reading the selected material, an analysis of the texts was made. This analysis points out that the learning of writing is connected to the representation system of drawing, bringing drawing as a precursor of writing. The monograph discusses the similarities and differences between the representation systems of drawing and writing, and points out the perspective of the authors chosen on the theme, and how it is inserted in life and possibly in the experiences. As well as in chapter 2 the analysis of activities performed with children aged 5 to 7 years, in order to realize the parallel between the representation systems of drawing and writing in learning.

KEYWORDS: Drawing. Writing. Representation System. Learning.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Desenho de um rabisco	14
Figura 2: Desenho que contenha formas definidas.....	14
Figura 3: Garatuja Desordenada	19
Figura 4: Garatuja Ordenada	20
Figura 5: Pré – Esquematismo	20
Figura 6: Esquematismo	21
Figura 7: Realismo	21
Figura 8: Pseudo Naturalismo	22
Figura 9: Rabiscção Desordenada ou Garatuja.....	23
Figura 10: Rabiscção Longitudinal.....	23
Figura 11: Rabiscção	24
Figura 12: Figuração Pré – Esquemática	24
Figura 13: Figuração Esquemática - desenho com a linha de base	25
Figura 14: Figuração Esquemática - Superposição com Transparência.....	25
Figura 15: Figuração Realista.....	26
Figura 16: Realismo fortuito	27
Figura 17: Realismo fracassado.....	27
Figura 18: Realismo intelectual 1	28
Figura 19: Realismo intelectual 2	28
Figura 20: Realismo intelectual 3	29
Figura 21: Realismo intelectual 4.....	29
Figura 22: Realismo visual	30
Figura 23: Modelo de escrita 1	32
Figura 24: Modelo de escrita 2	33
Figura 25: Modelo de escrita 3	33
Figura 26: Escrita e Desenho.....	37
Figura 27: Desenho de um Elefante	38
Figura 28: Título e início da história	39

Figura 29: Acontecimentos da história.....	39
Figura 30: Final da história.....	39
Figura 31: Desenho 1.....	40
Figura 32: História escrita	40
Figura 33: Desenho 2.....	41
Figura 34: História.....	41

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO	14
2.1	Representação e Sistema de Representação	14
2.1.1	Desenho como Sistema de Representação	16
2.1.1.1	Fases do Desenho Segundo Vygotsky	18
2.1.1.2	Fases do Desenho Segundo Piaget Luquet	19
2.1.1.3	Fases do Desenho Segundo Luquet	22
2.1.1.4	Fases do Desenho Segundo Lowenfeld	26
2.2.	Escrita como Sistema de Representação ³	30
2.3.	Relação entre o Desenho e a Escrita	34
3	ESTUDO DE CASO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Esta é uma monografia produzida na Universidade Federal de Uberlândia, no curso de Artes Visuais, para o trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais. A pesquisa consiste na criação de um conteúdo voltado para análise de como o desenho pode estar ligado com o desenvolvimento da escrita no decorrer da aprendizagem da criança.

Neste estudo apresento a pesquisa intitulada: “Estudo de caso de crianças de 5 a 7 anos: relação entre o sistema de representação do desenho e da escrita”, com duas linhas de pesquisas: uma que envolve o levantamento teórico da representação e dos sistemas de representação, tanto do desenho com suas fases segundo alguns autores, quanto o da escrita; e outra que percorre pelas análises dos desenhos e atividades realizadas com crianças de 5 a 7 anos.

Um número significativo de crianças tem grande dificuldade na alfabetização e, mesmo aquelas que aprendem com mais facilidade, o fazem em um desempenho com índices abaixo do esperado para a referida idade. Esta realidade tem diversas causas, como o desrespeito às características etárias, sociais e psicológicas das crianças como sujeitos do aprendizado e aos conhecimentos prévios sobre o sistema de representação, tanto do desenho como da escrita, e seus significado de representações que vem das vivências.

Há um foco no acesso à linguagem escrita em detrimento da leitura e escrita representada por exercícios de coordenação motora mecânica, ignorando a importância de ampliar o conhecimento do mundo por meio da exploração dos desenhos infantis e suas conexões com a escrita. Este treino mecânico, não ajudará a criança em sua inserção no mundo letrado. Pelo contrário, as crianças muitas vezes se sentem cansadas, desmotivadas e incompetentes.

A ênfase no ensino da escrita como mera habilidade física é criticada por Vygotsky: “Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal” (1984, p.119).

Assim, segundo Vygotsky, aprender a escrever é um processo longo e difícil que começa com as crianças “muito antes da primeira vez que um professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras” (VYGOTSKY et. al., 1989, p.143).

Segundo o autor, desenvolver um sistema de representação simbólica da realidade é um passo necessário para aprender a escrever, e Vygotsky afirma que gesticular, pintar e brincar

com brinquedos são exemplos de atividade simbólica. Nessas atividades, os signos servem como símbolos de significados, o que auxilia na apropriação da linguagem escrita.

Em algum momento da vida toda criança já pediu papel e lápis. Ela busca ferramentas para deixar registro de seus pensamentos, desejos, fantasias e gestos, se não tiver papel, pode usar a areia, a terra, a parede ou os móveis. Se não tiver lápis serve um giz, uma pedra, gravetos, cacos de tijolos, carvão, tinta.

Apenas uma pequena parte dos adultos tem consciência do quanto os desenhos de uma criança podem revelar sobre seu nível de maturidade, equilíbrio emocional e afetivo, bem como seu desenvolvimento motor e cognitivo.

Entre os muitos autores que discutem sobre a importância do desenho destaca-se Pillar, “O desenho está muito mais próximo dos aspectos figurativos da realidade e do símbolo, enquanto a escrita está próxima dos aspectos operativos – não ligados às configurações dos objetos, mas às suas transformações – e dos signos e sinais que são arbitrários.” (PILLAR, 1996, p. 17).

Esse fato tem surpreendido educadores que têm muitas dúvidas sobre o desenvolvimento do desenho e da escrita, confundindo algumas características compartilhadas entre as duas formas de representação.

Um exemplo é a garatuja desordenada característico das crianças de um a dois anos e evidente no realismo fortuito, nota-se que o exercício da resposta livre é rotineiramente confundido com a imitação da escrita que aparece nas primeiras produções da criança.

A pesquisa, parte voltada totalmente para a teoria, juntamente com as atividades realizadas em sala, busca exemplificar como ocorre essa relação do desenho e da escrita no processo de aprendizagem.

A monografia se divide em dois capítulos: iniciando com um levantamento teórico, trazendo autores que falam sobre os sistemas de representação. No capítulo intitulado: “Representação e Sistemas de Representação”, abordo a definição de sistema de representação, segundo alguns dos autores que estudam, sob diferentes enfoques, a questão do desenho e a escrita infantil. Dentre eles podemos citar Analice Duntra Pillar, Jean Piaget, Luquet, Victor Lowenfeld, Lev Vygotsk e Emilia Ferreiro.

No capítulo seguinte, denominado: “Estudo de caso de crianças de 5 a 7 anos”, apresento os trabalhos de 5 crianças que realizaram as mesmas atividades e mostrando como o desenho pode ter ou não uma relação paralela com a escrita no desenvolvimento do aluno.

Por meio desses dois capítulos pude refletir a minha vivência com o desenho infantil e sua relação com a aprendizagem da escrita no processo de alfabetização. Estudar tais autores e como se deu cada processo por de trás de um sistema fez com que fosse possível adquirir as bagagens necessárias para construir as estruturas bases deste sumário.

Com o suporte destes dois capítulos referenciados anteriormente para a abertura do trabalho tentaremos discutir duas questões fundamentais que estão no centro de toda a questão: quais os caminhos paralelos que os dois sistemas de representação – escrita e desenho – podem ter.

2. SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO

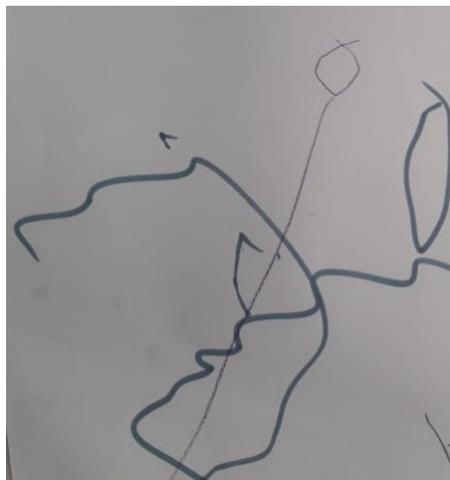
2.1 Representação e Sistema de Representação

A representação é um pré-requisito para o pensamento, porque sem ela não há Pensamento, mas apenas inteligência pura experimentada em nível sensório-motor. Através da emergência da função semiótica, a criança é capaz de evocar ações passadas no pensamento, reconstruí-las e relacioná-las com ações atuais.

Essa passagem é possibilitada pelas interações da criança com o ato de desenhar e com os desenhos de outras pessoas. Ao rabiscar, a criança levanta a hipótese de que desenhar é simplesmente uma ação em uma superfície e gosta de ver os efeitos visuais que a ação cria.

Com o tempo, os rabiscos, refletindo o alongamento dos movimentos rítmicos de vai e vem, transformam-se em formas definidas que representam uma ordem maior e podem se relacionar com objetos naturais, objetos imaginários ou mesmo outros desenhos.

FIGURA 1: Desenho de um rabisco. Ana Laura.



FONTE: Acervo fotográfico da autora.

FIGURA 2: Desenho de formas definidas, João Paulo.



FONTE: Acervo fotográfico da autora.

Segundo Piaget¹, o termo "representação" tem dois significados: em um sentido mais geral, que ele chama de "representação conceitual", confunde-se com o pensamento, ou mais especificamente, com toda inteligência que se aplica a um sistema de conceitos; em um sentido mais estrito, ele a chama de "representação simbólica", que se refere a imagens mentais, ou símiles de realidades ausentes.

Eles se relacionam porque, enquanto a imagem é um símbolo concreto, o conceito é mais abstrato. Isso se deve ao fato de que, embora não se reduza a um sistema de imagens, ele acompanha as imagens. Portanto, segundo Piaget (1978, p.87) “se pensar consiste em interligar significações, a imagem será um ‘significante’ e o conceito, um ‘significado’.”

Ainda de acordo com Piaget (1969) existem cinco condutas representativas distintas, denominadas de desenvolvimento da função simbólica, elas aparecem mais ou menos ao mesmo tempo, mas ele as enumerou por ordem crescente de complexidade.

Considerando o que há de comum entre as cinco funções semióticas, Piaget (1985, p.79.) afirma que:

[...] a despeito da espantosa diversidade das suas manifestações, a função simbólica apresenta notável unidade. Quer se trate de imitações diferidas, de jogo simbólico, de desenho, de imagens mentais, e de lembranças-imagens ou de linguagem, consiste sempre em permitir a evocação representativa de objetos ou acontecimentos não percebidos atualmente.

Assim, segundo os autores, a representação é condição essencial para a emergência do pensamento, como a capacidade de evocar e expressar comportamentos internalizados. Sendo um fato importante, pois ao analisar desenho e escrita como linguagens, elas só podem aparecer após a função semiótica.

¹ Jean William Fritz Piaget (1896-1980) J. W. F. Piaget, reconhecido psicólogo, biólogo e filósofo dos séculos XIX e XX. mundialmente conhecido por seu trabalho sobre a inteligência e o desenvolvimento infantil, sendo base para inúmeros estudos em psicologia e pedagogia até os dias atuais... Para saber mais sobre a vida de Piaget, ler “Jean Piaget”. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/biografias/jean-piaget/> >. Acesso em: 20 jun. 2022.

No entanto, a capacidade de abstração da criança se desenvolve de maneira ordenada e previsível. Piaget descreveu três níveis de desenvolvimento da abstração no material escrito: índice ou sinal, signo e símbolos.

Em um índice ou sinal, a parte representa o todo. Se você pode ver o topo de uma árvore de uma janela, há uma árvore ali, mesmo que você não consiga ver toda a extensão dela. Os símbolos são as primeiras manifestações de representação, construídos socialmente, mas mantêm uma relação com os objetos que representam, não são arbitrários ou convencionais, ou seja, diferentes grupos podem ter símbolos originais que os representam. Pode-se dizer que, como já mencionado, os desenhos se aproximam dos símbolos. Os signos são abstrações totalmente arbitrárias ou convencionais que nada têm a ver com o que representam, mesmo que sejam socialmente construídos. Entre eles, temos letras do alfabeto, números, notas musicais.

As representações da realidade humana são articuladas por meio de sistemas simbólicos, uma vez que os signos não permanecem signos externos, isolados, referências a objetos particulares, ou especialmente símbolos utilizados pelas pessoas, mas os signos são mediadores da comunicação entre os membros da comunidade, porque têm significados comuns.

Sendo assim, os sistemas de representação da realidade vem socialmente e a linguagem é o sistema simbólico básico dos grupos humanos. Sobre a linguagem escrita, Vygotsky afirma que “[...] o brinquedo de faz-de-conta, o desenho e a escrita devem ser vistos como momentos diferentes de um processo essencialmente unificado [...]” (1989 p.131), nos levando a concluir que “[...] brincar e desenhar deveriam ser estágios preparatórios do desenvolvimento da linguagem escrita[...]” (op., p.134).

Portanto, devemos tratar o desenho e a escrita como sistemas de representação gráfica e não somente aprender a codificar, requer assim levar em consideração a perspectiva da criança, que aprende mais criando e interpretando esses sistemas.. Como afirma Pillar²,

[...] para que a criança se aproprie dos sistemas de representação do desenho e da escrita, ele terá de reconstruí-los, diferenciando os elementos e as relações próprias aos sistemas, bem como a natureza do vínculo entre o objeto do conhecimento e sua representação. Esse vínculo pode ser arbitrário, como no caso da escrita, por se valer de signos, ou analógico, como no desenho, por utilizar símbolos. (Pillar, 1996a, p.32).

² Analice Dutra Pillar (1643-1727) doutora em Artes pela Universidade de São Paulo. Com diversos trabalhos publicados sobre educação e artes. Para saber mais sobre ler “Analice Dutra Pillar”. Disponível em: < <https://www.escavador.com/sobre/411690/analice-dutra-pillar#profissional> >. Acesso em 21 jun. 2022.

Pilar (2006) afirma ainda que as crianças não nascem com a habilidade de desenhar, que esse conhecimento surge de sua relação direta com o objeto, portanto, suas estruturas mentais definem suas possibilidades de representação e interpretação do objeto. Desta forma, a criança torna-se o sujeito de sua abordagem; ele aprende a desenhar a partir de sua interação com o desenho.

2.1.1 Desenho como Sistema de Representação

Vários teóricos seguem, sob diferentes enfoques, a linha teórica do desenho infantil. Dentre eles podemos relacionar, Analice Dutra Pillar, Jean Piaget, Victor Lowenfeld, Luquet e Lev Vygotsky, entre outros. Para este estudo, usaremos como base as conceituações de Vygotsky, Piaget, Lowenfeld e Luquet.

Para Vygotsky, desenvolver um desenho requer duas condições: a primeira consiste em ter domínio das atividades motoras, de modo que para autor o desenho é inicialmente um registro do gesto e logo se torna o da imagem. Assim, a criança entende que pode representar o objeto graficamente. E essa característica sugere que o desenho é um precursor da escrita, pois a percepção de um objeto em um desenho corresponde à posse do significado dado pela criança, formando uma realidade conceitual.

A outra condição básica para o desenvolvimento de um desenho é a relação com a fala no desenho. O objeto apresentado é inicialmente reconhecido somente após a atividade gráfica, quando a criança diz que desenhou e o reconhece como um objeto por semelhança. Ele então começa a antecipar a ação gráfica e a articular o que pretende fazer, indicando que existe um plano de ação. Por isso, Vygotsky afirma que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica. (1989, p. 141)

Este fato é essencial na visão do autor porque, aqui se pode perceber, "um certo grau de abstração" da criança que desenha, pois ao fazê-lo, libera conteúdo da memória. Ele afirma que "[...] os esquemas que caracterizam os desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente aspectos essenciais do objeto." (1989, p.127).

Por outro lado, de acordo com Piaget, a criança desenha mais o que sabe do que o que realmente vê. Ao desenhar, ele trata objetos e eventos conceitualmente. Sendo importante estudar o processo de fazer um desenho junto com a declaração verbal do indivíduo. A análise dos estudos de Piaget mostra que o desenvolvimento do desenho segue os mesmos estágios de Luquet e Lowenfeld, mas pelo lado analisa-se a perspectiva da visão dos estágios de desenvolvimento da representação na criança.

Outro autor estudado, Viktor Lowenfeld, fala sobre desenvolver etapas para estudar desenhos infantis. O autor enfatiza os estágios de desenvolvimento mental e os resultados de mudanças significativas à medida que a criança interage com o mundo ao seu redor.

Já Luquet se interessa pelo desenho infantil e o analisa a partir de uma abordagem cognitiva. O autor buscou respostas para as questões sobre o que e como as crianças desenhavam, bem como suas intenções e interpretações.

Todos estes autores do grafismo infantil, reconhecem que a aquisição de um desenho como sistema representacional possui certas etapas, períodos ou fases comuns aos sujeitos. E, de fato, desde o rabisco involuntário da representação até a própria representação gráfico-plástica, podemos claramente identificar aspectos visuais invariáveis no processo de apropriação do desenho no sistema representacional do sujeito.

2.1.1.1 Fases do desenho segundo Vygotsky

Descrivendo as etapas de desenvolvimento de grafismo infantil, o autor não está interessado nos detalhes da aquisição do sistema de representação. Vygotsky não estuda sistematicamente o processo de aquisição de um desenho como um processo semiótico, mas recorta para o desenvolvimento cultural do grafismo infantil, negligenciando a "pré-história" do desenho.

Na fase da garatuja, rabiscos e "da expressão amorfa de elementos gráficos isolados" (1989, p. 9) não interessam aos objetivos traçados em seu ensaio psicológico, pois o desenho como sistema semiótico só existe após o período dos rabiscos.

Com isso, Vygotsky identifica as seguintes etapas:

Etapa simbólica: Esta fase familiar de bonecos que retratam brevemente a figura humana. Vygotsky descreve esse estágio como o momento em que a criança desenha objetos "da memória" sem parecer preocupada se eles são fiéis à coisa representada. Este é o período em que a criança "representa de forma simbólica objetos muito distantes de seu aspecto verdadeiro e real" (Vygotsky, 1987, p.94). Segundo o autor, a descrição e a licença do desenho infantil nesta etapa são bem grandes.

Etapa simbólico-formalista: Esta etapa é onde já se percebe um maior refinamento das linhas e formas dos grafismos infantis. Este é o período em que a criança começa a perceber que não precisa se limitar a elencar aspectos específicos do objeto representado e de tentar criar mais conexões entre o todo e suas partes. Nota-se que os desenhos ainda são simbólicos, porém reconhecemos o início de uma representação que se aproxima mais da realidade.

Etapa formalista veraz: As representações gráficas nesta etapa são fiéis lado perceptivo dos objetos apresentados e completam os aspectos mais simbólicos, presentes nas fases anteriores.

Etapa formalista plástica: Nota-se uma nítida transição para uma nova forma de desenhar, pois com ênfase no desenvolvimento viso-motor, o sujeito consegue utilizar técnicas de projeção e convenções realistas. O grafismo deixa de ser uma atividade com um propósito em si mesma e passa a ser um trabalho criativo. Porém, a velocidade do desenho diminui e eles permanecem mais entre os que realmente desenharam porque gostam dessa atividade criativa.

2.1.1.2 Fases do Desenho segundo Piaget

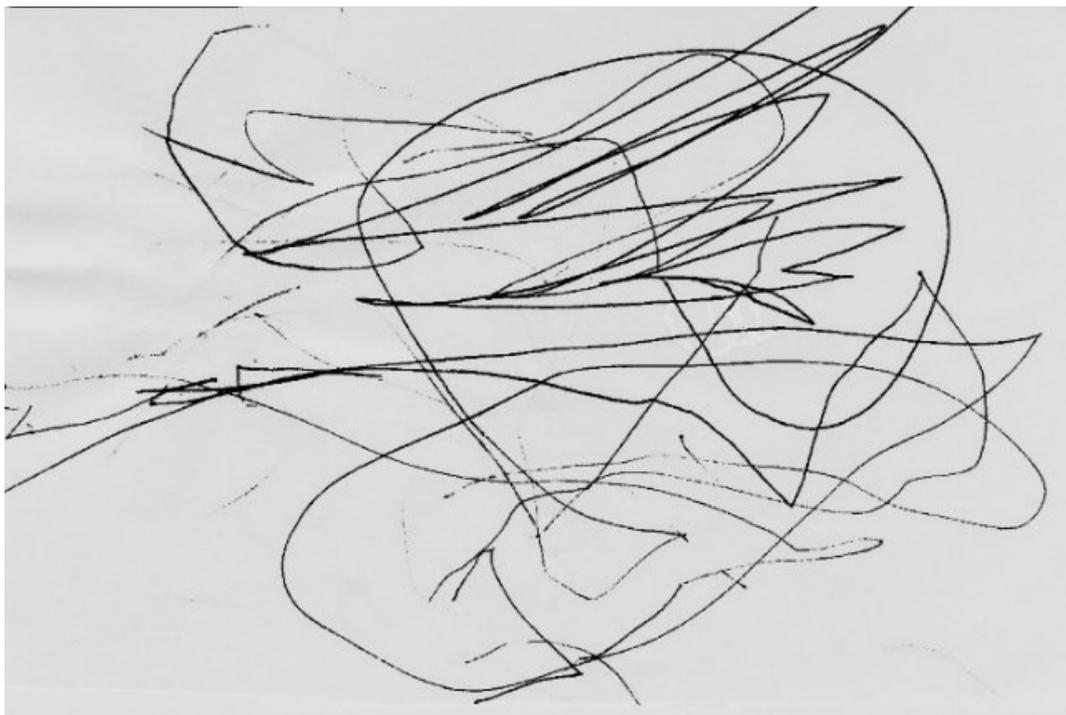
Piaget relaciona cinco fases do desenho infantil, que retratam as etapas do desenvolvimento da criança. São elas Garatuja, Pré-Esquematismo, Esquematismo, Realismo e Pseudo Naturalismo.

Sendo assim, veremos a seguir cada fase de acordo com Piaget:

Garatuja: faz parte da fase sensório-motora (0 a 2 anos) e parte da fase pré-operatória (2 a 7 anos), que dura cerca de três a quatro anos. A criança demonstra grande prazer em desenhar, e a figura humana é inexistente. Dividindo-se em Garatuja Desordenada e Garatuja Ordenada.

A Garatuja Desordenada é onde os movimentos são grandes e irregulares, mais como exercícios de movimento. Muitas vezes não há preocupação com a preservação das linhas que são sobrepostas com novos traços várias vezes.

FIGURA 3: Garatuja Desordenada



FONTE: Disponível em: <http://pedagogomami.blogspot.com/2016/03/no-post-as-garatuja-de-maria-cecilia.html>

Já a Garatuja Ordenada é quando os movimentos são indicados por linhas longitudinais e circulares e a figura humana continua a aparecer de forma ficcional, e o interesse pelas formas pode começar a aumentar.

FIGURA 4: Garatuja Ordenada



FONTE: Disponível em: <http://pedagogomami.blogspot.com/2016/03/no-post-as-garatuja-de-maria-cecilia.html> Acesso em: 06 nov. 2022

Nesta fase, a criança anuncia o que vai desenhar, mas não há uma ligação definida entre o objeto e sua representação. Portanto, ele fala que é um círculo oval seja um carro e, antes mesmo de chegar ao fim do desenho, dizer que é um avião.

Piaget define ainda outras fases, indo além das subdivisões da Garatuja.

Pré-Esquematismo: esta etapa que costuma durar até os sete anos de idade, ao examina a relação entre desenho, pensamento e realidade. Podemos perceber que os elementos estão soltos e não a relação entre si.

FIGURA 5: Pré-Esquematismo



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Esquematismo: faz parte da fase das operações concretas (7 a 10 anos), mas geralmente dura cerca de 9 anos. Como parte dos esquemas de apresentação, ele começa a produzir diferentes formas para categorizar o objeto. A partir daí, surgiram duas conquistas importantes: o uso da linha de base e a descoberta da relação entre objeto e cor. Já tem um conceito definido da figura humana, mas o plano ainda pode ter exceções como exagero, descuido, descaso ou alteração do símbolo. Dois fenômenos como transparência e rebatimento aparecem.

FIGURA 6: Esquematismo



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Realismo: Geralmente aparece no final de operações específicas, quando aumenta a consciência sexual e começa uma forte autocrítica. No espaço encontra plano e superposição, mas rejeita linha de base. As formas geométricas aparecem com maior rigidez e formalismo. Nessa fase, costumam usar roupas diferenciadas para cada gênero.

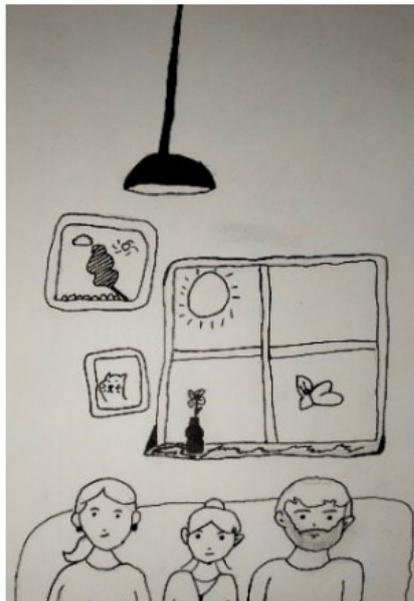
FIGURA 7: Realismo



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Pseudo Naturalismo: faz parte da fase de operação abstrata (10 anos à frente). Final da atividade espontânea, começa a explorar sua própria personalidade, colocando no papel a ansiedade e inquietação do início da adolescência. Realismo, objetividade, profundidade, espaço subjetivo e uso consciente da cor podem ser vistos nos desenhos. A figura humana, ganha as características sexuais que podem aparecer de forma exagerada.

FIGURA 8: Pseudo Naturalismo



Desenho da família de uma jovem de 13 anos

FONTE: Disponível em: <https://actamedicaportuguesa.com> › download Acesso em: 06 nov. 2022

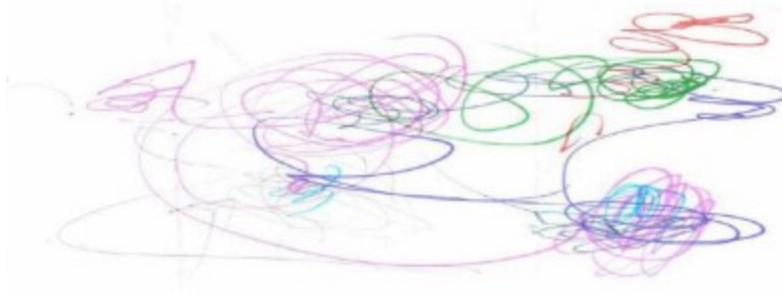
2.1.1.3 Fases do Desenho segundo Lowenfeld

Assim como os outros autores, Lowenfeld também estudou e desenvolveu fase para o desenho infantil, ele relacionou quatro fases: Rabiscção Desordenada ou Garatuja, podendo ser subdividido ainda em Rabiscção Longitudinal e a Rabiscção, Figuração Pré-Esquemática, Figuração Esquemática e, por último, a Figuração Realista.

Veremos então cada fase de acordo com Lowenfeld:

Rabiscção Desordenada ou Garatuja: nesta primeira fase a criança desenha pelo simples prazer que a atividade traz, sem intenção de escrever ou desenhar. Apenas experimentando seus gestos instintivos, ou seja, ela é responsável por prazeres orgânicos “causando expansão às necessidades motoras. Nesta fase, a criança expressa, através de seus traçados, ternura e confiança ou medo e agressividade” (SOUZA, 2010, p. 20).

FIGURA 9: Rabiscção Desordenada ou Garatuja

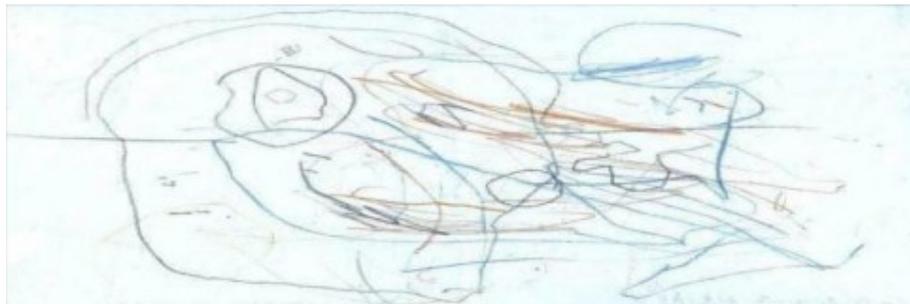


FONTE: Disponível em:

<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546>. Acesso em:
06 nov. 2022

A Rabiscção Longitudinal, é quando bolinha, cruzeiros, quadrados e outros elementos se juntam a esses movimentos instintivos, mas de forma isolada, sem qualquer ligação entre os elementos.

FIGURA 10: Rabiscção Longitudinal



FONTE: Disponível em:

<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546>. Acesso em:
06 nov. 2022

Por outro lado, a Rabiscção, se refere ao ponto em que a criança nomeia o seu desenho e imita o que imagina e vivência com uma linguagem plástica repleta de simbolismo. Já se nota a figura humana, traços faciais, mãos, pés, cabeça, para que sejam de abraçar, caminhar e pensar. Identificam a necessidade do desenho e para que servem.

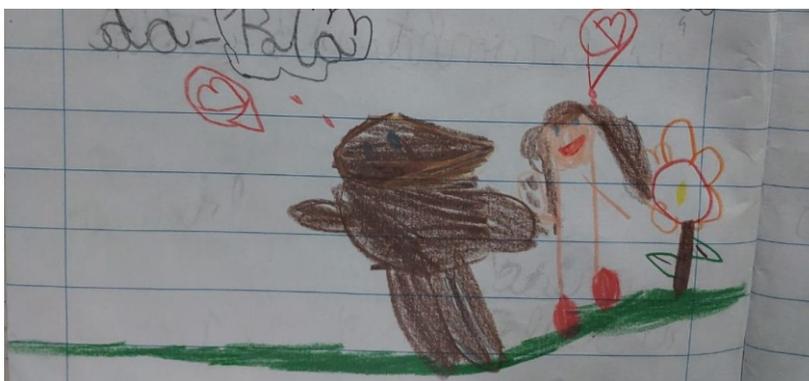
FIGURA 11: Rabiscção



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Figuração Pré–Esquemática: usando como referência o que está ao seu redor a criança representa figuras humanas e objetos com diversas linhas, círculos, e formas que caracterizam braços, pernas, cabeça, olhos em suas figuras. Porém, mesmo relacionando tudo isso com sua realidade, ainda não é possível distinguir a escala dos objetos, havendo exageros e omissões. Os desenhos não se alinham e não a uma visão geral do que é desenhado.

FIGURA 12: Figuração Pré–Esquemática



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Figuração Esquemática: aqui surge a relações de referências socioculturais, para desenharem casas, pessoas e animais. Nesta fase à criação de sentido através do desenho, com cada um estando no seu lugar e espaço. A linha de base aparece nesse momento e serve para sustentar os desenhos, sendo o chão, a também a presença de figuras geométricas principal característica desta fase, que criam outro elemento que reafirmam a fase, a sobreposição com transparência, que permite ver os elementos por dentro de casas, prédios, carros.

FIGURA 13: Figuração Esquemática - desenho com a linha de base, organizado em uma ordem



FONTE: Acervo fotográfico da autora

FIGURA 14: Figuração Esquemática - Superposição com Transparência



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Figuração Realista: neste momento os desenhos são mais detalhados e possível distinguir o tamanho dos objetos entendendo que o que está na frente é maior e esconde o que está atrás surgindo aqui os planos, e ainda vai mais longe usando sombras para finalizar, mas principalmente para dar perspectiva, a figura humana consegue se diferenciar segundo o gênero.

FIGURA 15: Figuração Realista



FONTE: Disponível em: <https://metamorfoseexpressiva.wordpress.com/2016/05/28/construcao-grafico-plastica-lowenfeld/#jp-carousel-362> Acesso em: 06 nov. 2022

2.1.1.4 Fases do Desenho segundo Luquet

Como vimos anteriormente, muitos autores compartilham dessas ideias. Luquet e a autora central da pesquisa realizada, Analice Dultra Pillar, que visa mostrar a ideia central deste trabalho. Segundo Pillar, o autor é citado na maioria dos trabalhos que abordam o desenho a partir do construtivismo (Pillar, 1996a, p.42).

As fases do desenvolvimento do desenho para Luquet são:

Realismo fortuito: fase é dividida em desenho involuntário e voluntário de acordo com Luquet. No contexto do desenho involuntário, a criança desenha para fazer linhas sem olhar para as imagens sem intenção ou significado porque não sabe que as mesmas linhas podem representar objetos, fazem pelo do movimento e o prazer pelo que vê no papel. As figuras aparecem na forma de mandalas, radiais e sóis. No desenho voluntário a criança desenha sem intenção, mas consegue enxergar semelhança no desenho com objetos familiares, surgindo assim a intenção de desenhar mesmo que a interpretação possa variar.

FIGURA 16: Realismo fortuito



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Realismo fracassado: quando a criança descobre a identidade da figura-objeto e tenta reproduzi-la. Nestes desenhos, os elementos são justapostos em vez de coordenados como um todo, sem ter relação entre eles, os desenhos são independentes. Enfatize detalhes de acordo com o que você considera importante, exagera ou omite partes de acordo com sua perspectiva.

FIGURA 17: Realismo fracassado



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Realismo intelectual: caracteriza-se pelo fato de que a criança representa os objetos com seu saber intelectual e não extrai do objeto o que vê, mas o que sabe repetindo os objetos que vê e também os ausentes. Dá transparência a alguns objetos, por exemplo, desenhar um corpo ou o interior de uma casa. Eles usam legendas e, nesta fase, também podem representar

distâncias, profundidades e locais, colocando objetos no espaço usando um quadro de referência. Para fazer isso, a criança usa diferentes processos, como interrupção, rebote, transparência, planejamento e mudança de perspectiva.

FIGURA 18: Realismo intelectual 1



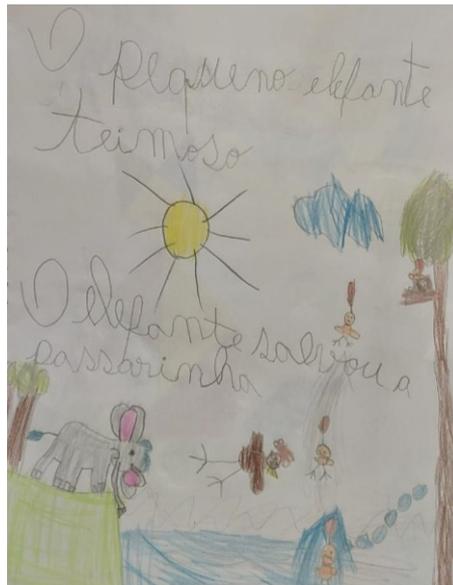
FONTE: Acervo fotográfico da autora

FIGURA 19: Realismo intelectual 2



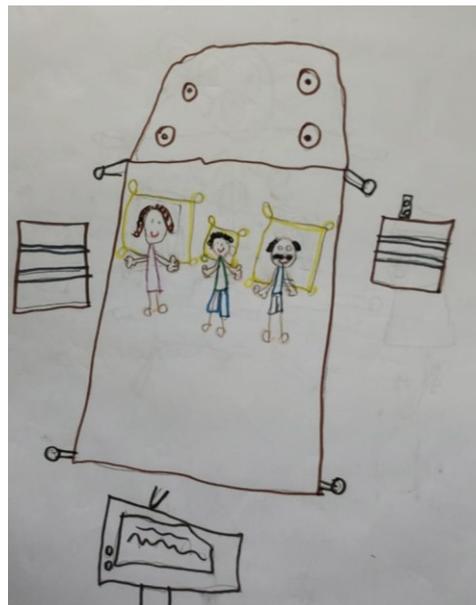
FONTE: Acervo fotográfico da autora

FIGURA 20: Realismo intelectual 3



FONTE: Acervo fotográfico da autora

FIGURA 21: Realismo intelectual 4



FONTE: Acervo fotográfico da autora

Realismo visual: caracterizada pelo descobrimento da perspectiva e obediência às suas leis. A criança, portanto, rejeita as estratégias usadas anteriormente e a transparência e a criança passa a desenhar apenas elementos visíveis, rebatimentos e as mudanças de perspectiva são coordenadas, criando assim uma perspectiva de origem. Assim desenha e representa o que vê. Os desenhos são então apresentados neste novo conceito e os detalhes ganham espaço, pois agora visam concretizar as formas antes comuns e com isso ampliar sua apresentação.

FIGURA 22: Realismo visual



FONTE: Disponível em: <https://metamorfoseexpressiva.wordpress.com/2016/05/24/construcao-grafico-plastica-luquet/#jp-carousel-264> Acesso em: 06 nov. 2022

Luquet (1969) destaca que as etapas não são rígidas, pois cada etapa pode continuar quando a próxima já começou. Ao passar de um nível para outro, alguns elementos são abandonados e os conhecimentos adquiridos são reconstruídos, o que depende muito da interação da criança com seu meio.

Embora os autores analisados se concentrem em aspectos diferentes do desenho, Piaget, Luquet e Lowenfeld se concentram em aspectos mais epistêmicos e Vygotsky mais em aspectos sociais, esses autores são semelhantes em dois aspectos principais: no que diz respeito à importância do desenho no desenvolvimento sobre a criança e a característica que a criança desenha, o que a interessa e o que ela sabe sobre o objeto.

2.2 Escrita como Sistema de Representação

O desenvolvimento da escrita é um processo complexo, envolve o domínio do sistema alfabeto-ortografia e sua compreensão. Podemos dizer que o conhecimento da linguagem escrita é de natureza social, pois a compreensão do sistema de escrita não pode ser reduzida ao domínio gráfico ou a linguagem verbal. A linguagem escrita tem funções específicas e se manifesta por meio de diferentes registros.

Diante da tarefa social da escrita, ora como mera transcrição gráfica de unidades sonoras, ora como representação da linguagem. Não há dúvida de que a representação gráfica de números ou letras é resultado de um longo processo histórico, devendo permanecer um código inequívoco como meio de representação comumente utilizado. A compilação de novo código não é recomendada. A criança é estimulada a reinventar o sistema vigente (letras e

números) por meio da compreensão de seu processo de construção e regras de produção no uso diário.

As crianças não aprendem a escrever simplesmente porque veem as pessoas escrevendo, mas porque articulam e transformam as informações que encontram em seu meio. A exposição a diferentes suportes de texto permite que as crianças percebam que as letras não são apenas marcas no papel, mas que representam algo. A escrita tem métodos de escrita diferentes e contextos funcionais diferentes. Esse processo é enriquecido e facilitado por uma gama de objetos físicos que contêm texto, como: livros, revistas, folhetos, embalagens, etiquetas, cartas, entre outros objetos. Se privarmos a criança dessa oportunidade de dar sentido à sua produção literária e por meio da grafia transmite uma mera repetição de sons, que separa o signo fonético do significado, ele priva o aluno da construção de um signo linguístico.

Existe ainda hoje uma ênfase no ensino da língua como código fora de contexto, aprender de forma mecânica e repetitiva e deixando a criança de certa forma alienada. As produções espontâneas de literatura infantil (sem cópias e influências externas) mostram claramente o que eles entendem sobre o idioma. Eles fornecem parâmetros para entender o que eles sabem sobre o sistema de escrita e possibilitando elaborar intervenções reflexivas para auxiliar da reconstrução da escrita dentro dele. Escrita viva e autêntica muitas vezes está fora da escola.

Ou seja, a ortografia é ensinada e a escrita é projetada, e não a linguagem escrita. Essa prática está relacionada ao conceito de escrita existente na escola. Pode ser visto como uma transcrição do código ou como uma apropriação do sistema de representação. A pesquisadora argentina Emília Ferreiro revolucionou a prática da alfabetização por meio de sua pesquisa sobre a psicogênese da linguagem escrita, mudando o foco de como a alfabetização é ensinada e apresentada em vários métodos de alfabetização para como as crianças aprendem, mudando o foco da época. Ela afirma:

[...] se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte em apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual. (FERREIRO, 1984, p.6)

Ferreiro destacou que a criança constrói o conhecimento da linguagem escrita na interação com os objetos, e que a alfabetização é o processo de conquista pela criança do conhecimento escrito, procurando compreender a natureza de seu sistema. Em seu livro “Reflexões sobre a Alfabetização”, Ferrero compara o desenho à escrita:

[...] sabemos, desde Luquet, que desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. (FERREIRO, 1985, p.55)

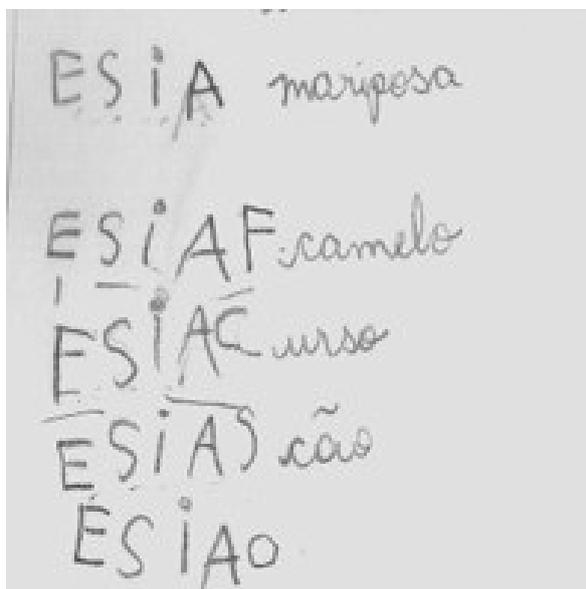
Assim, se ler não é simplesmente decodificar e escrever não é copiar, a criança expressa seus pensamentos sobre o sistema representacional usando o desenho ou a escrita. Nesse sentido, segundo Ferreiro (1985, p. 10).

[...] a construção de qualquer sistema de representação envolve um processo de diferenciação dos elementos e relações reconhecidas no objeto a ser apresentado e uma seleção daqueles elementos e relações que serão retidos na representação.

No capítulo “A representação da linguagem e o processo de alfabetização” Ferreiro (1985, p. 22), fala sobre as produções escritas das crianças dentro de três estágios:

1. Distinção entre o modo de representação icônica e não icônica (inscrições intrafigurativas onde se utilizam desenhos para a descrição pretendida e/ou inscrições sobre objetos diferentes sempre com as mesmas letras).

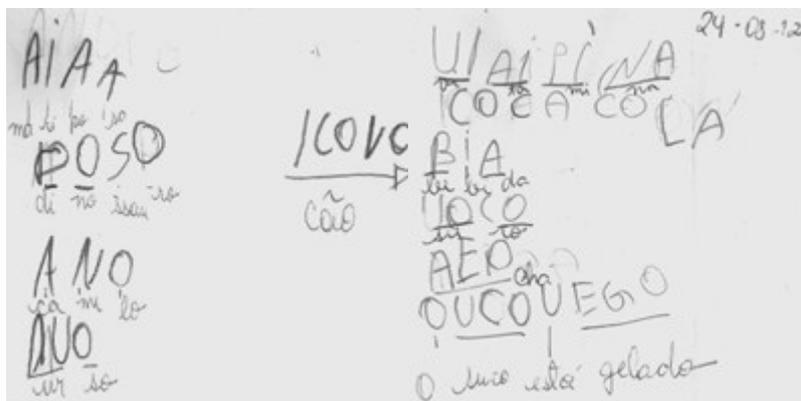
FIGURA 23: Modelo de escrita



FONTE: Disponível em: <https://www.pucsp.br/linguagem-e-subjetividade/coluna-escrita-como-sistema-de-representacao> Acesso em: 06 nov. 2022

2. A construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo)

FIGURA 24: Modelo de escrita



FONTE: Disponível em: <https://www.pucsp.br/linguagem-e-subjetividade/coluna-escrita-como-sistema-de-representacao> Acesso em: 06 nov. 2022

Escrituras interfigurativas com o objetivo de mostrar a distinção entre escritas nascidas, por exemplo, usando letras diferentes para escrever objetos diferentes, explorando eixos quantitativos e qualitativos. As letras usadas ampliam, as conexões sonoras através da escrita, ele pensa na quantidade/qualidade do uso das letras em busca de uma representação sonora.

3. A fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético)

FIGURA 25: Modelo de escrita



FONTE: Disponível em: <https://www.pucsp.br/linguagem-e-subjetividade/coluna-escrita-como-sistema-de-representacao> Acesso em: 06 nov. 2022

Segundo Ferreiro, as crianças começam a separar o desenho da escrita a partir dos quatro anos. Por conta dessa diferença, veem o desenho e a escrita como objetos substitutos com naturezas e funções diferentes, pois o desenho representa a forma dos objetos e a escrita seu nome. Muitos confundem escrita com rabiscos, mas a escrita é um sistema representacional e sua conquista vai além do aspecto motor e da percepção das letras. Nesse momento, a criança começa a fazer hipóteses sobre a escrita.

2.3 Relação entre Desenho e Escrita

Antes de aprender a escrita, e o desenho que mostra as expressões que a criança desenvolveu. Considerando esses aspectos, podemos retomar que, para Piaget, o desenho é uma das manifestações semióticas. Desenvolve-se simultaneamente com outras manifestações, incluindo brinquedos e linguagem verbal (PIAGET, 1973) e que para Vygotsky apropriação de um sistema de representação simbólica da realidade, onde os gestos, desenhos e brinquedos simbólicos o incentivam pela sua natureza representacional, ou seja, signos são usados para representar significados.

É por isso que essas duas linhas teóricas convergem em um ponto: o desenho e a escrita são formas de representação, são expressões da atividade semiótica e compartilham a mesma origem gráfica. Além disso, o desenvolvimento de um desenho traça o processo de desenvolvimento da criança por meio de etapas que descrevem o modo de vida da criança no mundo.

O desenho revela o nível de maturidade, equilíbrio emocional e afetivo, e o desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Segundo Pillar (1996a, p.17): “O desenho está muito mais próximo dos aspectos figurativos da realidade e do símbolo, enquanto a escrita está próxima dos aspectos operativos – não ligados às configurações dos objetos, mas às suas transformações – e dos signos e sinais que são arbitrários”.

Pillar, (1996a, p. 29), com base em Ferreiro e Luquet, propõe que o desenho e a escrita inicialmente compartilham uma origem comum, onde o desenho é intencional (realismo fortuito) e a escrita a partir do desenho.

Assim, para a criança, o desenho e a escrita são sistemas complementares, pois aprendem por meio da produção e da interpretação da produção (por meio do desenho). (PILLAR, 1996a, p.32):

[...] para que a criança se aproprie dos sistemas de representação do desenho e da escrita, ele terá de reconstruí-los, diferenciando os elementos e as relações próprias aos sistemas, bem como a natureza do vínculo entre o objeto do conhecimento e sua

representação. Esse vínculo pode ser arbitrário, como no caso da escrita, por se valer de signos, ou analógico, como no desenho, por utilizar símbolos.

Em outro momento, a criança começa a separar o desenho da escrita e os vê como objetos substitutos. Nesse momento, a criança passa para a fase do desenho voluntário (ainda no realismo fortuito) e da escrita pré-silábica.

Mais tarde, a criança começa a construir diferentes formas de separação dos elementos tanto no desenho como na escrita, passando para a fase de incapacidade do desenho sintético, para perceber diferentes formas dos objetos e relações espaciais, mas mantendo-se na escrita pré-silábica., quando começa a distinguir o número e a posição das letras sem se preocupar com a relação fonema/grafema.

Para Ferreiro (1985, p. 6) o mais importante é reconhecer como a criança aprende e afirma que:

[...] se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte em apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual.

A criança cria conhecimento sobre suas realizações tentando entender a natureza de sua produção. Ferreiro (1985, p. 55) ainda fala sobre uma relação entre desenho e escrita:

[...] sabemos, desde Luquet, que desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente.

No momento seguinte, a um aprofundamento nas diferenças entre os elementos e começa a coordená-los entre si. No desenho, é um momento de realismo intelectual quando começa a coordenar representações de forma e espaço, combinando projeção e formas euclidianas para representar o espaço, enquanto na escrita, a criança inicia a fonética, atentando para as características sonoras significante. É assim que ele progride nas fases de desenvolvimento da escrita, passando por sílabas, sílabas-alfabética e alfabética à medida que consegue combinar fonemas e grafemas.

O final do desenvolvimento desta relação, ocorre quando a o empenho em aperfeiçoar os dois sistemas. O desenho caminha para o realismo visual e a escrita, a criança tenta aprender a soletrar quando percebe que em nosso sistema de escrita não basta escrever uma forma de falar.

Analisando-se as relações acima expostas, pode-se constatar que, ao desenhar, a criança está se desenvolvendo e aprendendo a representar graficamente suas experiências e para chegar à escrita, são poucos passos a serem dados.

É por isso que a criança expressa seus pensamentos desenhando, escrevendo ou lendo, independentemente do sistema que use. Distinguindo entre desenho e escrita, ele reconhece que o desenho representa a forma do objeto e a escrita o nome do objeto. Trataremos esta relação do desenho e da escrita na prática com crianças de 5 a 7 anos em uma escola particular.

3. ESTUDO DE CASO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS

O Estudo de caso foi desenvolvido em uma escola particular da cidade de Uberlândia-MG. A cidade possui 237 (duzentos e trinta e sete) escolas distribuídas no seu espaço urbano.

Tal estudo, se inicia com uma pesquisa bibliográfica, que embasa e seleciona as informações relevantes para o estudo. O trabalho foi realizado com o intuito de poder contribuir com os professores na compreensão do desenho no processo de ensino aprendizagem da escrita para as crianças.

Foram selecionadas crianças de acordo com os seguintes critérios de escolha: os alunos selecionados deverão estar matriculados e frequentando regularmente a escola X (o nome da escola não será mencionado para preservar a escola e os crianças), no município de Uberlândia-MG e deverão ter 5 a 7 anos.

No início da pesquisa, foi possível observar que os alunos têm grande afinidade com o desenho e muitas vezes preferem se expressar por meio deles ao invés de utilizar a linguagem escrita. pelo material utilizado para fazer o desenho, ou melhor dito: desenhado em folha separada, a criança interpreta como desenho, se desenhado em caderno ou agenda, pode ser interpretado como escrita.

Os aspectos mentais, cognitivos, motores e sociais são desenvolvidos no desenho e na escrita, porque o indivíduo é um ser social e carrega em sua memória as cenas e atividades que vivência.

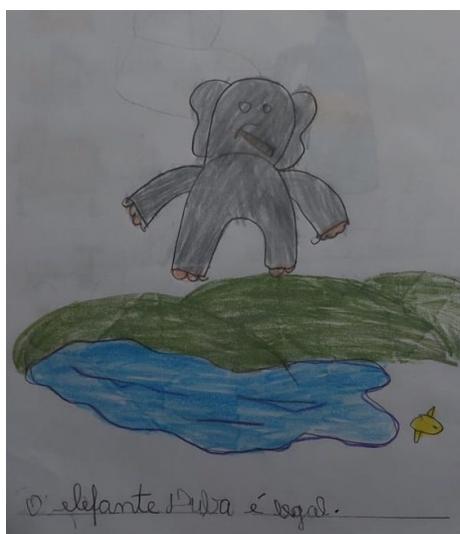
Apresento 4 alunos para falar sobre a teoria e demonstrar a relação do desenho com a escrita que foi encontrado na pratica da pesquisa.

Figura 26: Escrita e Desenho



Autor: Heitor

Figura 27: Desenho de um Elefante



Autor: Heitor

A Figura 26 representa a escrita do aluno após o exercício de ditado descrito que foi ilustrado em seguida, no qual ele representa com palavras e desenhos objetos com elementos e propriedades que se lembra e que foram apresentados com figuras. A criança acredita na hipótese de que a escrita também pode ser feita a partir de desenhos e é socialmente aceitável a partir do momento em que é desenhada em um caderno, material socialmente aceito como objeto de aprendizagem.

A Figura 27 é representativa da sensibilidade do aluno retratando um personagem da história do elefante Dumbo, contada em sala de aula pela professora, ele expressa as experiências visuais e representa no desenho imagens que ficaram guardadas em sua mente. Mantendo imagens em sua mente, a criança desenha o que lhe interessa e o que está em seu coração, que representam as coisas que conhece. Assim, o desenho é uma forma de pensar coerente com o mundo exterior. Detalhes que compõem este desenho são a linha base e a transparência na criação do elefante.

Os desenhos possuem uma organização que pode ser vista também na escrita, na figura 24 os desenhos apresentam a planificação de maneira marcante e constante, se repetindo em mais de um desenho, já na figura 25 a linha base no desenho aparece e a transparência na criação do elefante. A observação do desenho comparada a escrita revela a maneira particular que cada indivíduo apresenta na construção do conhecimento.

Figura 28: Título e início da história



Autor: Maria

Figura 29: Acontecimentos da história



Autor: Maria

Figura 30: Final da história



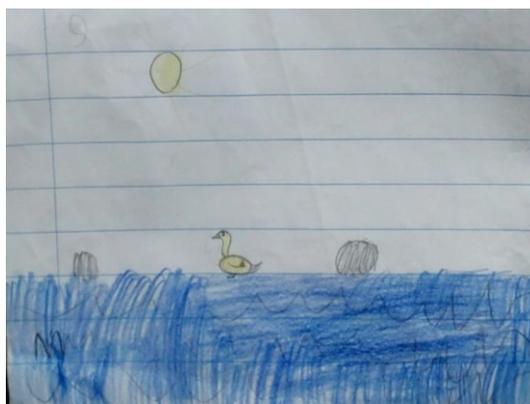
Autor: Maria

Nas Figuras 28, 29 e 30 as produções realizadas pela aluna Maria transformando uma história contada pela professora em um tirinha em quadrinhos, onde podemos perceber algumas repetições de elementos. Observa-se que os desenhos representam cenas que foram descritas oralmente para o aluno.

A aluna não faz uma produção textual da história, apenas o título foi disponibilizado para os alunos escreverem, ou seja, os alunos escrevem as palavras soltas antes de ouvirem a história, porém enquanto escreve repete oralmente frases. A Figura 28 ao desenhar os personagens a criança representa o que ela se lembra, uma referência que está em sua mente. A interação da criança com o está ao seu redor será a base do desenvolvimento de suas produções.

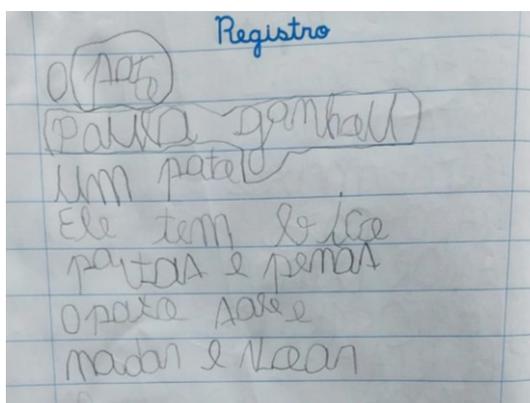
Observando o desenho e a escrita contidas figura 28 pode-se que o desenvolvimento do desenho e da escrita se complementam. A escrita é ordenada, clara, respeita a linha da escrita e o tamanho das letras respeitam o espaço, assim como os desenhos que tem uma sequência, a linha de base, e a característica de opacidade nos elementos que se sobrepõe, detalhe que pode ser claramente visto na figura 29.

Figura 31: Desenho



Autor: Helena

Figura 32: História escrita



Autor: Helena

Na Figura 30 o desenho ocupa quase toda a folha chegando a ultrapassar as bordas laterais da folha, no desenho a criança estimula sua imaginação e reflete impressões individuais. Desenhando as bordas do papel, podemos concluir que o indivíduo possui um desejo interior de superar obstáculos e alcançar um patamar superior, o que a falta de habilidades atualmente não permite.

O desenho apresenta uma linha de base marcada pela água e o céu representado pelo sol, o pato ilustra o personagem principal da história, com os elementos citados respeitando sua realidade conforme a maturidade da criança e seu desenho. A Figura 31 e a tentativa de

escrever a história, porém falta domínio da grafia, as palavras flutuam sobre a linha, mostrando dificuldade em seguir a linha base.

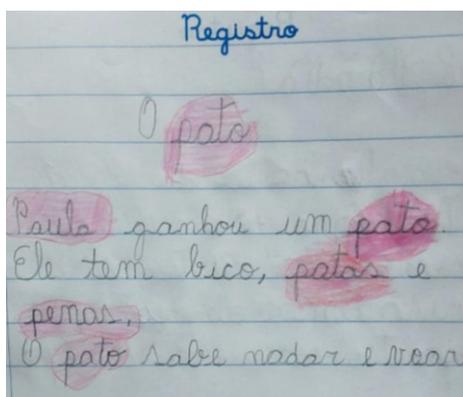
Os desenhos possuem uma organização que não pode ser vista também na escrita, pois diferente do desenho onde a aluna segue a linha base para apoiar o, no texto as palavras flutuam e parecem desordenadas. A observação do desenho comparada a escrita revela que nem sempre o desenho e a escrita apresentarão os mesmos estágios evolutivos na construção do conhecimento.

Figura 33: Desenho



Autor: Alice

Figura 34: História



Autor: Alice

A Figura 33, observa-se a ocupação quase total da folha com uma mistura de traços, onde se pode observar traços suaves e traços fortes. Há a utilização de cores o azul, amarelo e verde correspondendo à tranquilidade e equilíbrio, mas uma distorção da realidade, uma planificação, e transparência dos elementos sobrepostos. A fase do desenho corresponde ao

realismo lógico, onde a criança desenha aquilo que imagina do objeto, ou seja, desenha o que é observável e o que não é observável.

Na Figura 34 a aluna escreve uma história que representa as características do pato do desenho ao lado. A história apresenta sequência lógica, domínio da grafia, as palavras se apoiam a linha, diferente do desenho onde a linha base não está bem definida.

Uma criança imita um adulto no desenho e na escrita, então a criança encontra sua compreensão e desenvolve seus desenhos e escrita à medida que se desenvolve. Sendo assim, desenhando, escrevendo ou lendo a criança expressará suas ideias, independente do sistema utilizado por ela.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem desta monografia demonstra alguns aspectos envolventes no assunto sobre o estudo do desenho e da escrita. Procurando trazer teorias sobre o desenho e da escrita e seu sistemas representacionais e de como elas aparecem ne influenciam a aprendizagem das crianças. Tendo em vista os caminhos para as relações entre os dois sistemas de representação.

É possível perceber que a aprendizagem ocorre a partir das interações entre um sujeito e outro, que pode ser um objeto ou um indivíduo. Desse ponto de vista, os grafismos são um meio pelo qual as crianças expressam sua visão do mundo e tentam representar da melhor maneira possível as coisas que conhecem e entendem sobre o mundo ao seu redor. O desenho é um produto da imaginação criadora humana e é uma ferramenta importante na criação do conhecimento, porque permite à criança criar e imaginar como são as coisas e as pessoas à sua volta.

Sendo assim, pensar o desenho é um desafio quando percebemos que muito se fala sobre desenho, mas quase nada sobre o processo de produção das crianças. E vale ressaltar que cada interação leva ao aprendizado para as pessoas, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos. Os grafismos escritos ou desenho, são os meios que as crianças precisam para se expressar e expressar sua visão.

O grafismo é um meio pelo qual a criança expressa a si mesma e sua visão de mundo, um exercício de imaginação que está vinculado a um processo dinâmico no qual a criança tenta representar o que sabe e entende. Como os desenhos infantis são uma ferramenta para entender a realidade, eles são uma ferramenta valiosa para agregar conhecimento porque mostram os produtos da imaginação e da atividade criativa das crianças. Com a ajuda dos grafismos, seja desenho ou escrita, a criança tenta representar da melhor forma as coisas que conhece e compreende sobre o mundo que a cerca.

Neste estudo, foi possível observar que alunos, cujos desenhos se desenvolveram melhor, também se desenvolveram mais rápido na escrita. Com o auxílio do desenho é possível delinear o processo de aprendizagem do aluno e reconstruir esse processo de forma diferente, para que o aluno realmente aprenda e participe, oferecendo-lhe todo tipo de oportunidades e experiências diante de tal importante ferramenta, que é o desenho.

Vendo todas estas questões apresentadas na pesquisa, podemos dizer que o desenho precede a escrita, mas a relação entre os dois interdepende, pois quanto mais oportunidades a

criança tiver de apresentar e escrever no papel todas as suas impressões sobre o mundo ao seu redor, seus sentimentos, mais ele está disposto a adotar o sistema de escrita, porque, como o desenho, também é uma forma de representação.

Por fim, reservo-me o direito de falar abertamente sobre o que todos os processos de que participei, todo o conhecimento que adquiri e como refletiram minha engenhosidade nesta produção literária com bons resultados significou para mim. As descobertas deste trabalho são um processo que deve ser mais explorado e que novas abordagens e perspectivas podem surgir. Espera que outros pesquisadores possam aproveitar essa discussão e oferecer novas perspectivas. Que possamos olhar sobre o desenvolvimento do grafismo infantil e buscar sempre um maior entendimento, assim como o desenvolvimento de uma criança está sempre em constante evolução.

REFERÊNCIAS

Livros

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. Editora Scipione

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização** / Emilia Ferreiro. – 26. Ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

_____. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

_____. **A formação dos símbolos na criança**. PUF, 1948.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

_____. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

Endereços eletrônicos:

ABREU, Liliane Alcântara de. **O desenho da figura pela perspectiva piagetiana**.

Disponível em: <<https://nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/perspectiva-piagetiana>>.

Acesso em: 4 jun. 2022.

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003>.

Acesso em: 7 jun. 2021

BOMBONATO, Giseli Aparecida e FARAGO, Alessandra Corrêa. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Disponível em:

<<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2021

DA SILVA, Maria Juvanete Mendes. **DO DESENHO A ESCRITA: UM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD4_SA8_ID3187_05092018204819.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.

GURGEL, Thais **O desenho e o desenvolvimento das crianças**. Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/121/o-desenho-e-o-desenvolvimento-das-criancas>>.

Acesso em: 7 set. 2022

MELO, Lucimara Santos. **O desenho infantil e suas etapas de evolução**. Disponível em:

<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_2.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SILVA Mendes S, et al. **Uso e interpretação do desenho infantil na prática clínica**.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/363511935_Uso_e_Interpretacao_do_Desenho_Infantil_na_Pratica_Clinica>. Acesso em: 7 set. 2022

TAVARES, Ivana. **A escrita como sistema de representação**. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/linguagem-e-subjetividade/coluna-escrita-como-sistema-de-representacao>> Acesso em: 10 jun. 2021.

YAVORSKI, Rosely e SANTOS E CAMPOS, Maria Aparecida. **A importância do desenho infantil para o desenvolvimento da escrita no ensino fundamental**. Disponível em:

<<https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/7619#:~:text=Pesquisadores%20comprovaram%20que%20o%20desenho,melhor%20ao%20final%20da%20pesquisa.>>. Acesso em: 14 jun. 2022

ZOPELARI, Lauri de Freitas Petilli. **Desenho: uma forma e desenvolvimento infantil**.

Disponível em:

<portaldosprofessores.ufscar.br/biblioteca/112/artigo_desenho_livre_lauri_2_1_.pdf>. Acesso em: 18 maio 2021.